

O orgulho de ser surdo

Leland Emerson McCleary*

Quero agradecer o convite para estar aqui hoje. É uma honra para mim. Acho este encontro entre surdos e intérpretes muito importante neste momento histórico. Fico muito satisfeito de ver que eventos como este, organizados por instituições surdas e reunindo surdos e ouvintes, estão começando a acontecer com frequência.

Também quero agradecer a Priscilla pelo tópico que ela me passou. Ela pediu que eu falasse sobre "a crença que surdos norte-americanos têm na sua língua e na sua cultura". É um tópico muito interessante, e um que pode nos ensinar muita coisa.

Eu não perguntei para a Priscilla, mas eu acho que ela tinha também uma outra pergunta em mente: Por que os surdos norte-americanos crêem na sua língua e na sua cultura, e os brasileiros não? Ou talvez: Por que os surdos norte-americanos parecem crer mais na sua língua do que os brasileiros? Em outras palavras, eu entendi que o interesse no tópico não era apenas uma curiosidade sobre o que acontece nos Estados Unidos. Eu entendi que ela estava interessada em ver o que nós, brasileiros, podemos aprender com a experiência norte-americana. Pelo menos, é assim que eu entendi, e é sobre isso que eu vou falar hoje.

Vamos supor que os surdos norte-americanos crêem mais na sua língua e na sua cultura do que os brasileiros. Será que é porque os surdos norte-americanos são mais sensíveis, ou mais espertos? Certamente que não! Será que é porque sua língua e sua cultura merecem mais admiração ou que são mais bem desenvolvidas ou mais

* Leland Emerson McCleary é professor do Departamento de Letras Modernas da USP, pesquisador do Núcleo de Pesquisa das Novas Tecnologias de Comunicação Aplicadas à Educação (Escola do Futuro) e coordenador do grupo de pesquisa Estudos da Comunidade Surda: Língua, Cultura, História. Há seis anos pesquisa as interfaces entre a lingüística e sociolingüística e a educação de surdos. É autor de *Technologies of language and the embodied history of the deaf* (*Sign Language Studies*, v. 3, n. 2 (Winter 2003), p. 104-124. Washington, DC: Gallaudet University Press).

completas do que a língua de sinais e a cultura surda brasileira? Também a resposta teria que ser: não!

Hoje eu vou sugerir uma explicação histórica e política para o orgulho que a comunidade surda norte-americana tem da sua língua e da sua cultura.

Primeiro, eu queria mudar um pouco o foco do meu tema, se a Priscilla permitir. Daqui para frente, não vou falar mais da “crença” dos surdos norte-americanos na sua língua e na sua cultura. Vou falar do **orgulho** que eles têm. E não é só o orgulho que eles têm da sua língua e da sua cultura. É o próprio “**orgulho de ser surdo**”. Eu digo isso, porque em inglês, os surdos falam de *Deaf Pride* (que em português seria “orgulho de ser surdo”). Então, eu posso falar disso porque eles mesmos falam disso.

O orgulho que os surdos sentem em relação à sua língua é apenas um aspecto – um reflexo – de uma coisa maior: seu orgulho de ser surdo.

A comunidade surda se define em grande parte pelo uso da língua de sinais – quem usa língua de sinais faz parte da comunidade surda; quem não a usa está fora ou está à margem da comunidade. Então, qual seria a diferença entre “ter orgulho da sua língua” e “ter orgulho de ser surdo”? Pode existir um sem o outro? Vocês já conheceram alguém que tem orgulho da língua de sinais, mas que tem vergonha de ser surdo? Os dois andam juntos. Mas entre as duas maneiras de falar, existe uma enorme diferença política.

Por exemplo: diga para um ouvinte: “Eu tenho orgulho de usar a língua de sinais brasileira”. Qual pode ser a reação dele? Ele pode pensar, “Sim, claro! Os gestos são muito bonitos e expressivos!” Mas não é por isso que você tem orgulho! Você tem orgulho porque quando você usa a língua de sinais, você pode ser **surdo e feliz** ao mesmo tempo.

Ou o ouvinte pode pensar: “O surdo não pode usar a língua oral, então ele se satisfaz com a língua de sinais, mas isso não faz mal! Deixa ele ter orgulho da sua língua. Ele pode ter orgulho de muito pouco na vida, então deixa ele ter orgulho da língua.” Mas isso está tudo errado. Parece que no fundo o ouvinte acha que o surdo é um coitado, e quando o surdo diz que ele tem orgulho da sua língua, nada muda na cabeça do ouvinte. Ele não precisa entender o surdo; ele continua achando a mesma coisa.

Agora, diga para um ouvinte, “Eu tenho **orgulho de ser surdo!**” O ouvinte vai ficar **chocado**. Ele vai ficar **confuso**. Por que razão ter orgulho de ser surdo? O ouvinte

sempre acreditou no seu coração que a surdez é uma **falta**. É uma **deficiência**. Como é possível ter orgulho de uma deficiência? As pessoas podem ter orgulho de alguma coisa que elas têm, mas não de uma coisa que *não tem*, uma falta, uma deficiência.

Então quando o surdo diz, “Eu tenho orgulho de ser surdo”, ele choca e confunde o ouvinte. O ouvinte não gosta de ouvir isso, porque começa a colocar em questão a certeza que o ouvinte tem sobre o mundo. Ele não pode mais achar que o surdo é um “coitado”, porque um coitado não tem orgulho de si mesmo. O ouvinte fica com medo. O mundo do ouvinte começa a ficar menos seguro, mais complexo. O ouvinte não tem explicação para o orgulho do surdo ser surdo. Como é possível uma pessoa ter orgulho de ser surdo? Para o ouvinte, é um absurdo. É um paradoxo.

É por isso que dizer que você tem orgulho de ser surdo é um ato político. É porque você começa a balançar o mundo do ouvinte. Ele começa a ter menos controle sobre você. E quando isso acontece, começa a abrir espaços para a mudança.

Também, ter orgulho de ser surdo é um ato de afirmação pessoal. É um ato de auto-estima. O mundo ouvinte não poupa o surdo de todo tipo de humilhação, mesmo quando dizem que querem ajudar. Os surdos, como todos os outros portadores de **diferença**, se sentem humilhados por serem o que são. Não por terem feito nada de errado. Só porque são o que são. Essa humilhação faz com que o surdo não acredite nele mesmo.

Como mudar essa situação? A auto-estima é o começo. Você não vai ter auto-estima porque você fez faculdade. É o contrário. Você vai fazer faculdade porque você tem auto-estima. Você acredita em você mesmo. Tudo começa com a auto-estima.

Mas não basta dizer para você mesmo, “Eu tenho orgulho de ser surdo”. Isso não funciona. Você olha para os lados. Você olha para os companheiros. Você olha para os professores. Você olha para seus pais e seus irmãos. Eles têm orgulho de você, por ser surdo? Ou eles têm pena? Ou têm vergonha?

O orgulho que é uma coisa pessoal, individual, é ruim. É chamado de arrogância. Nós olhamos para uma pessoa “muito orgulhosa” com desprezo. O orgulho saudável é um valor social que compartilhamos com outras pessoas, com uma comunidade. Nós procuramos o nosso valor nos olhos dos outros e, com o nosso olhar, atribuímos valor aos outros..

Quando olhamos por volta e vemos pena ou vergonha ou desprezo, é isso que sentimos de nós mesmos. Por outro lado, quando olhamos por volta e vemos outros olhando para nós com orgulho, é isso que sentimos.

Por essa razão, “ter orgulho de ser surdo” tem que ser um esforço de toda a comunidade surda. Não é uma coisa que acontece isoladamente e por si só. É uma coisa que tem que ser construída. Pode até ser planejada. Acontece quando as pessoas decidem que deve acontecer, e fazem um esforço para que aconteça. Justamente por isso, também, ter orgulho de ser surdo é um ato político. É um ato que um grupo de pessoas faz para mudar suas relações com o mundo por sua volta. É uma maneira de redefinir o que significa ser surdo.

Agora eu vou voltar e falar sobre o tópico que a Priscilla me deu: o orgulho que os surdos norte-americanos têm de ser surdos.

Se isso aconteceu nos Estados Unidos, e ainda não aconteceu no Brasil, pode ser porque os surdos norte-americanos aproveitaram e aprenderam com outros grupos minoritários e marginalizados que já tinham feito sua luta política pelo reconhecimento e a auto-estima anteriormente.

Grandes transformações começaram a acontecer na sociedade norte-americana a partir da Segunda Guerra Mundial e continuaram até a década dos 90. Antes dos surdos, vários outros grupos marginalizados fizeram suas lutas pela dignidade humana e pela garantia dos seus direitos como cidadãos. Primeiro foram os negros norte-americanos, depois as mulheres, depois os hispânicos e os gays, e depois os surdos.

Todos são grupos que sofreram humilhações e injustiças por causa dos preconceitos institucionalizados da sociedade “padrão” dominante: branca, masculina, classe média, falante de inglês, heterossexual, e ouvinte.

Quando os surdos norte-americanos chegaram à consciência de afirmar seu “orgulho de ser surdo”, essa mesma trilha já tinha sido desbravada por outros grupos marginalizados. Os surdos puderam aprender com a história.

Aqui eu tenho muito pouco tempo para falar desses movimentos sociais. Só vou falar rapidamente de dois: a luta pelos direitos civis dos negros; e a luta pelos direitos civis dos gays. São interessantes porque têm muitas coisas em comum com a luta pela cidadania dos surdos.

No caso dos negros, é importante compreender a situação dos negros, especialmente no sul dos Estados Unidos, antes dos anos 50: a segregação era o padrão. Negros não podiam morar nos mesmos bairros com brancos; não podiam mandar os filhos para as mesmas escolas; não podiam sentar nos bancos da frente do ônibus, tinham que sentar no fundo, ou ficar em pé; não podiam beber água dos mesmos bebedouros, ou usar os mesmos banheiros públicos; não podiam sentar e comer nos mesmos restaurantes; não podiam freqüentar as mesmas igrejas (ou praças, ou piscinas públicas). Não podiam ter os mesmos empregos; eles tinham que aceitar trabalhos manuais. E dificilmente eles conseguiam tirar o título de eleitor e votar.

Isso tudo era mais costume do que lei (mas também em muitos lugares existiam leis segregacionistas). E se um negro ousasse desafiar o costume, ou a lei, ele podia ser alvo de violência, ou ser preso, ou ser morto. Não estou falando da idade média. Estou falando de cinquenta anos atrás. Eu vi isso quando era jovem, no Texas. Não vi nos filmes. Eu vi na vida real.

Isso começou a mudar com um ato individual de auto-estima de uma mulher negra, em dezembro de 1955, numa cidade do sul dos Estados Unidos. Ela estava sentada no ônibus e estava cansada. Subiu uma pessoa branca, e pelo costume ela teria que levantar a dar o assento para a pessoa branca. Mas não levantou. Ela estava cansada fisicamente, e também cansada de ser humilhada. O ônibus parou, a polícia chegou e a mulher foi presa.

Esse ato de coragem deu início a um boicote organizado na cidade. O boicote uniu os negros. Todos decidiram parar de andar de ônibus. Isso criou muita dificuldade para muitos deles, mas eles estavam unidos e começaram juntos a sentirem a auto-estima e a solidariedade.

Esses atos de desobediência civil pacífica começaram a se espalhar para outras cidades. Brancos e negros combinavam para entrar juntos nos restaurantes para incomodar os donos e a freguesia branca. Às vezes, eram presos. Vários grupos políticos de negros se organizaram, e começaram a trabalhar nas comunidades negras para incentivar a auto-estima.

Começou-se a ouvir as frases “Preto é Belo” e “Orgulho de ser Negro”¹. Essas frases se tornaram “slogans” da comunidade negra. Assustaram e confundiram os brancos. Afinal, como é que se pode ter orgulho de ser negro? Ser negro é ser pobre, sem educação, humilde. Não combina com orgulho.

Mas, os negros repetiam as frases, e começaram a acreditar em si mesmos. Com muita luta, fizeram valer as garantias constitucionais e conseguiram novas leis protegendo seus direitos. Hoje negros nos Estados Unidos têm muito mais acesso à moradia, às escolas, aos empregos, ao voto, e são vistos regularmente em filmes, em papéis centrais, ao lado de atores brancos. Hoje a maioria da população branca não acha tão estranho ouvir a frase “orgulho de ser negro”.

A idéia de ter orgulho de ser negro foi usada conscientemente pelos líderes negros para ajudar a consolidar a comunidade negra, levantar o moral, e redefinir o significado de ser negro nos Estados Unidos.

Mas ter orgulho de ser negro é mais fácil do que ter orgulho de ser gay. Todas as pessoas negras nascem em famílias negras; as mães e os pais, as irmãs e os irmãos, tias e tios são negros. Então, quando uma pessoa negra é humilhada pela sociedade branca, no fundo do coração ela guarda a certeza de que tem uma família que a ama, e que a respeita, e que se orgulha dela.

Isso não acontece com a pessoa gay ou lésbica. Gays e lésbicas nascem em famílias de heterossexuais; suas mães e seus pais, irmãs e irmãos, normalmente não os entendem e muitas vezes abominam a idéia de ter um filho ou filha, irmão ou irmã gay.

Nesse aspecto, os gays têm muito em comum com os surdos: eles nascem em ambientes potencialmente hostis. Eles são marginais nas suas próprias famílias. Gays muitas vezes experimentam um “renascimento” quando descobrem outros gays, fora da família. A mesma coisa acontece muitas vezes com surdos que descobrem, já crescidos, a comunidade surda. Eles começam a sentir que eles têm uma outra família entre as pessoas iguais a eles que podem entendê-los e que podem aceitá-los exatamente como são.

Mas em relação a surdos, os gays têm duas grandes vantagens. Primeiro, eles ouvem, então eles adquirem a língua dos pais; em segundo lugar, eles podem ficar escondidos, para ninguém descobrir que são gays. Eles podem viver uma “vida dupla”.

¹ Em inglês: “*Black is Beautiful*” e “*Black Pride*”.

Podem “fingir” que são diferentes do que são, e assim ter acesso a todos os bens da sociedade.

Esse fingimento sem dúvida tem um preço muito alto: eles não podem ser o que são; não podem expressar o que sentem. Antes dos anos setenta nos Estados Unidos, era muito difícil ser gay abertamente. Você podia perder seu emprego, você podia ser deserdado, e podia ser alvo de violência, ou ser preso ou morto. Para sua segurança, os gays se socializavam num “submundo” noturno pouco procurado por pessoas não gay. Mas mesmo nesse mundo alternativo, eles corriam riscos de ser humilhados, injustiçados e violentados.

É isso que aconteceu numa madrugada de 1969, em Nova Iorque, quando a polícia invadiu um bar gay. Os fregueses do bar, esta noite, não se submeteram à humilhação de ter seu direito a socialização pacífica violado, e quando algumas pessoas foram presas, fizeram protesto violento, o primeiro de uma série que se estendeu pelos próximos dias.

Esse evento marcou o começo de um movimento mais público e popular pelos direitos civis dos gays, e até hoje ele é celebrado todo ano em cidades grandes no mundo inteiro, inclusive em São Paulo, com as passeatas de “Orgulho de ser Gay”². A luta pelos direitos civis dos gays está longe de terminar. Gays continuam sendo oficialmente proibidos de participar das forças armadas norte-americanas. Por outro lado, muitos estados e alguns órgãos do governo protegem os direitos dos gays. Hoje existem muitas organizações gays que defendem seus direitos legais, que combatem a violência contra gays, que trabalham pela saúde e a aceitação dos gays na sociedade, e que ajudam jovens gays a superarem a humilhação e a vergonha que muitas vezes levam ao suicídio. Hoje, ser assumidamente gay nos Estados Unidos não carrega o estigma que tinha há trinta anos atrás.

Com os surdos norte-americanos, houve uma história parecida. O evento que desencadeou o movimento político e que atraiu a atenção do grande público foi a luta por um presidente surdo, na Universidade Gallaudet, que fechou a universidade durante uma semana em 1988. Quando tentaram instalar mais um presidente ouvinte, os alunos surdos se rebelaram. Decidiram rejeitar a tutela dos ouvintes. Esse ato coletivo fez

² “*Gay Pride*” em inglês.

sentir uma nova solidariedade e consciência política entre os surdos, e fez nascer a idéia de “ter orgulho de ser surdo”.³

A luta pelos direitos civis dos surdos, usuários de língua de sinais, ainda está no começo. A educação de surdos nos Estados Unidos ainda é dominada por ouvintes, e ainda não existe uma educação verdadeiramente bilíngüe como se tem em alguns países da Europa. Mas o importante é que a comunidade surda tem agora uma nova arma: a auto-estima, incentivada pelo conceito do “orgulho de ser surdo”.

Essa idéia choca o mundo ouvinte. Como é possível ter orgulho de ser surdo? De ser deficiente? Mas esse mal-estar que resulta quando o ouvinte é confrontado com o “orgulho de ser surdo” ajuda a deslocar a perspectiva ouvintista sobre a surdez; ajuda a desestabilizar a definição ouvinte da condição de ser surdo; ajuda a possibilitar uma nova definição surda sobre o que significa ser surdo.

Antes de terminar, eu só queria comentar que esses movimentos que lançam mão ao conceito do “orgulho” para levantar o moral de um grupo e criar um sentimento de solidariedade, nunca dependeram unicamente dessa idéia. Os grupos tiveram que se organizar politicamente, economicamente e socialmente também. Trabalharam com os jovens, garantiram uma melhor educação, forneceram modelos de adultos negros, gays e surdos bem sucedidos. E nunca deixaram de aceitar a colaboração de brancos simpatizantes, de não-gays simpatizantes, e de ouvintes simpatizantes.

“Ter orgulho de ser negro” (ou gay ou surdo) tem um perigo: deixa de fora quem não é negro ou gay ou surdo. É uma estratégia para ser usada em conjunto com outras. Não é nem o resultado de avanços políticos e nem a causa deles. Contribui para criar um ambiente em que as mudanças podem acontecer. O objetivo final não é o de criar um gueto de negros, ou gays, ou surdos. O objetivo, a meu ver, é o de redefinir o que significa ser negro, ou gay, ou surdo, para que todos, negros e brancos, gays e não-gays, surdos e ouvintes, possam ter orgulho de viver numa sociedade em que todos possam ser o que são e aprender uns com os outros.

Muito obrigado.

³ Oliver Sacks descreve essa manifestação em *Vendo Vozes* (Companhia das Letras, 1998). Outros relatos (em inglês) se encontram no site da Universidade Gallaudet, Washington, DC, em: <[?](#)>.